

AS HAGIOGRAFIAS COMO FONTES HISTÓRICAS: UMA LEITURA DE MICHEL DE CERTEAU

Dirceu Rodrigues da Silva¹

Resumo: Durante os anos do século XX ocorreram transformações nas formas de se pensar a história. Entre elas estava a expansão das fontes para os historiadores. As hagiografias passaram a ser uma importante fonte para o historiador que buscava entender a identidade do sagrado que determinado grupo produziu em seu lugar histórico. Este trabalho busca discutir as possibilidades e limites da utilização das hagiografias como fontes históricas, tendo em vista, principalmente, os escritos de Michel de Certeau. Esse autor que no final da década de 60 direcionou suas obras ao questionamento do trabalho historiográfico, sobretudo, aos setores acadêmicos que pregavam uma história isenta da interferência de quem produziu, utilizou-se em vários momentos dos escritos religiosos para apontar novos problemas ao trabalho do historiador. Para o jesuíta, a disciplina História que questionava os escritos religiosos como repletos de intenções não poderia mais fugir desse mesmo questionamento. As hagiografias aparecem nos escritos do Certeau como um gênero literário católico que parte da existência de um santo para a prática da escrita, manuseando os fatos da vida do personagem com o objetivo de demonstrá-la santa. Essas fontes históricas são discutidas no capítulo “Uma Variante: A Edificação Hagio-Gráfica” em um dos seus principais livros, *A Escrita da História*, de 1975. Nesse capítulo, o autor discute a oposição existente entre a vida do(a) santo(a) e a sua hagiografia. A intenção não é desqualificá-la, mas demonstrar que a vida do(a) santo(a) será sempre escrita em defesa de sua santidade, ou seja, seu passado será escrito pelo filtro do presente que se escreve. A partir do momento que o personagem é considerado santo, a leitura de suas memórias é redefinida para fazer jus ao seu futuro. O pensador vai apontar para a dificuldade de se obter explicações extras discursivas, ou seja, a dificuldade em encontrar os “silêncios” que os textos carregam sem fazer deles uma de prova científica para pressupostos históricos. Esses questionamentos metodológicos feitos por Certeau podem dialogar com diversos documentos religiosos, entretanto, nosso objetivo é buscar entender em que medida seus escritos auxiliam os trabalhos com as fontes hagiográficas. Nosso trabalho é uma leitura das obras de Michel de Certeau buscando principiar uma discussão acerca das hagiografias como fontes para a história das religiões. Entendemos esse esforço importante para os estudos das religiões no Brasil, pois, além de trabalhar um autor de difícil leitura, também procuraremos evidenciar as hagiografias como importantes fontes para os historiadores.

339

Introdução

Este trabalho pretende ser uma análise do livro “A escrita da História”¹ de Michel de Certeau, mais especificamente do capítulo VII “Uma variante: A edificação Hagio-gráfica”. Esse capítulo nos é importante porque apresenta as hagiografias como fontes para o historiador, identificando as possibilidades e os limites que esse documento católico pode

1 Mestrando no Programa de Pós-graduação em História- UNESP. Assis, SP. Bolsista UNESP/CAPES

apresentar. Logo esse trabalho também é uma análise das hagiografias como fontes para o estudo de um grupo e de uma crença, bem como de um estilo específico de escrita religiosa.

Importante notar que o livro de Certeau não é obstinado a escrever sobre os métodos de análise nos documentos religiosos, o livro busca apresentar as operações que regulam a prática da escrita do historiador. Pensando como o modelo histórico de escrita é estritamente ligado à produção de fatos; a quebra do tempo no que é passado (historia); no trabalho de ocultação que o próprio historiador busca fazer de si na prática da escrita. Certeau apresenta um livro que coloca o ofício do historiador em análise e que busca diferenciar essa forma de escrita *histórica* dos demais estilos de escrita.

Nesse conjunto de capítulos, que diferenciam o modelo *histórico* de escrita de outros modelos, Certeau apresenta o capítulo sobre as hagiografias. Demonstrando seus principais aspectos e formas de análise.

Durante todo o livro percebemos, por meio do amplo conhecimento e dos exemplos utilizados, a proximidade do autor com os estudos da religião. Michel de Certeau passa com facilidade do diálogo com a antropologia para a psicologia, da linguística para a ciência da religião, demonstra um conhecimento que o permite desconstruir e construir o que denomina nesse livro como *operação historiográfica*. Essa erudição transforma seu livro em uma referência importante para os que estudam a prática da escrita, entretanto, também fazem seus textos serem considerados de difícil entendimento.

Essa erudição e essa proximidade com a análise das religiões pode ser entendida quando pesquisamos a trajetória acadêmica seguida pelo autor. Michel de Certeau nasceu em 1925 no interior da França, estudou letras clássicas e seguindo sua vocação para a vida religiosa tornando-se jesuíta e se formou em teologia. Em 1960 defendeu sua tese em Ciência da Religião onde abordava, em conjunto com Pierre Fabvre, S. Inácio de Loyola.

Na Universidade de Paris Certeau obteve contato com importantes pesquisadores, como o historiador das religiões Alphonse Dupront e o psicanalista Jacques Lacan. Todavia, foi evento de 1968 na França que projetou Michel de Certeau no meio acadêmico francês, os textos que questionavam a posição da academia aproximou o jesuíta dos debates estudantis e o transformou em um membro do exigente círculo intelectual francês.

Após esses eventos o autor editou diversos livros nos anos 70 sobre a prática da escrita e a produção do saber, resultando em dois importantes livros: “Escrita da História” (1975) e a “A Invenção do Cotidiano” (1980). O autor continuou escrevendo até o ano de seu falecimento 1986.

A posição de Certeau não o intimidou ou afastou da academia, ao contrário, sua formação e vocação religiosa propiciou questionamentos ao ofício do historiador. Ao perceber que os *intelectuais* da história distanciavam-se da teologia por considerá-la repleta de *ideologia*, o autor questiona se realmente a história consegue se ausentar de toda a *ideologia*, para ele a própria produção de um texto necessitaria de um posicionamento intelectual. Dessa forma, as críticas dos historiadores para com os trabalhos teológicos estariam completamente corretas, entretanto, deveriam ser feitas também para a prática da escrita histórica.

Hagio-Gráfica, Edificação e Variante

A escrita das hagiografias remonta à Antiguidade e a Idade Média, onde o grande número de hagiografias cristãs (a única que trataremos neste trabalho) a transformou em importantes fontes para os historiadores desses períodos. Seja hagiografia medieval ou moderna, o importante é entender que esse documento religioso pode suscitar uma rica análise do grupo que a produziu e de sua forma de escrita.

A forma dos historiadores pensarem as hagiografias está ligada ao entendimento da impossibilidade da suposta neutralidade das fontes. Antes dessa questão limiar as pesquisas da disciplina história as hagiografias eram vistas como documentos ideologicamente produzidos e que nada podiam trazer de relevante ao historiador. Entretanto, em meados do século XX as hagiografias começam a ser observadas sob outro ângulo, sob uma ótica que ampliava os documentos para a história, os documentos religiosos, por exemplo, poderiam ser analisados em sua conjectura de produção e não somente em seu conteúdo.

Sobre essa *Revolução Documental* e como ela é parte integrante da nova história pensada no século XX, o historiador Jacques Le Goff, um dos pensadores dessa vertente, escreve:

“A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem”. (Le Goff, 1990, p.28)

As hagiografias estão entre esses documentos religiosos que deixaram de ser considerados inaptos a pesquisa (por representarem uma ideologia e não cumprirem com os rigores científicos requisitados pela história) e passaram a ser entendidos como a construção

textual de um grupo, com finalidade de legitimar uma crença, e portanto, importantes fontes sobre o próprio grupo e o momento histórico dessa construção.

Aprofundando este trabalho na perspectiva de análise das hagiografias apresentadas por Michel de Certeau notemos que já no título do capítulo que temos como base o autor posiciona palavras chaves para o entendimento da hagiografia como fonte: “Uma variante: A Edificação Hagio - Gráfica”.

Começemos a analisar esses termos pela definição de hagiografia. Hagiografia é um gênero literário religioso produzido com finalidade de apresentar a vida de um personagem guia de uma crença. Nesse estilo de texto apresenta-se a vida do personagem de forma a legitimá-lo santo. São escritos nas hagiografias relatosⁱⁱ onde o personagem demonstra sua santidade por meio de uma vida exemplar e contato íntimo com o sagrado, ou seja, a hagiografia remonta-se as virtudes e milagres que fazem do personagem um santo. A própria definição da palavra, justificando a separação dada a ela por Certeau no título do capítulo, já indica o que são esses documentos: Hagio- Santo; Gráfica- escrita, ou seja, a escrita sobre a vida de algum santo.

Entender do que se trata o documento hagiográfico é essencial para sua análise, isso porque não podemos esperar dele mais do que o próprio gênero particular pode oferecer. Devem-se entender os limites dessa fonte, perceber que ela não pode ser excluída nem avaliada como discurso histórico, a finalidade e o público desse documento são outros que a do discurso da história, “(...) a combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente ‘aquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘aquilo que se é exemplar’” (Certeau, 2000, p. 290).

Dessa forma, o questionamento dos documentos e a forma narrativa são diferentes do da história, a hagiografia faz parte de outro gênero, empregar questionamentos históricos a esse gênero literário religioso é um erro, mesmo que sua narrativa se assemelhe a histórica, seu gênero é híbrido com a literatura, característica essa que pretendemos tratar melhor ao longo deste trabalho.

Depois dessa pequena definição de hagiografia voltemos a outro termo que Certeau apresenta no capítulo VII: *Edificação*. Essas fontes teriam em comum entre elas a função de edificar uma crença, ou seja, a hagiografia é reflexo da necessidade de um grupo em tornar sua crença aceita (pela sociedade, instituição religiosa). Dessa forma, escrever sobre a vida do personagem que é alvo de devoção é criar um documento que legitima a crença desse grupo para com o santo. O discurso da hagiografia busca apresentar um santo, defender esse status

do personagem, conseqüentemente também alicerça todos aqueles que partilham da devoção para com o santo.

Todavia, o discurso hagiográfico cumpre outro papel edificador, ao mesmo tempo em que sustenta a crença no santo, também solidifica as morais e normas da religião. Analisemos essa dupla função hagiográfica: de que forma a vida desse personagem será digna de canonização? Sendo um modelo de virtude e fé, ou seja, sendo um modelo de vida para a Igreja Católica. Trata-se de um discurso que se legitima se integrando a um discurso presente na tradição da religião, e ao mesmo tempo legitima e renova esse discurso que buscou se integrar.

Não podemos esquecer um importante fator presente nas hagiografias: o *maravilhoso*. Todo o discurso hagiográfico apresenta um contato entre o santo e o sagrado, seja por meio de visões, milagres, presságios ou qualquer outra experiência tida como sobrenatural. São esses contatos com o sagrado, unidos a um modelo de vida exemplar, que edificam o personagem como um legítimo santo. “O extraordinário e o possível se apoiam um no outro para construir uma ficção posta aqui [na hagiografia] a serviço do exemplar”. (Certeau, 2000, p.294)

Pensando a presença do maravilhoso nas hagiografias é que chegamos ao último termo apresentado por Certeau: *Variante*. Com esse termo o autor quer apresentar a hagiografia como um discurso híbrido, ou seja, um discurso que pode variar entre outros dois. Alertamos sobre a importância de entender a hagiografia como um gênero discursivo próprio, isso se dá pela dificuldade de incluí-lo e excluí-lo totalmente do gênero histórico e do modelo maravilhoso.

A hagiografia situa-se entre discursos não podendo ser enquadrada em nenhum dos dois, tornando-se assim um terceiro. Esses gêneros discursivos na qual a hagiografia está entre são o discurso histórico e o literário maravilhoso. Esse *entre lugar* ocupado pela hagiografia é observado na dificuldade de enquadrá-la em um desses discursos, ao mesmo tempo em que ela apresenta um trabalho com a memória e com os documentos históricos, também se permite entrar no mundo do simbólico maravilhoso, ao mesmo tempo em que pode apresentar evidências históricas da existência do personagem também pode narrar sobre seu contato com demônios e com o plano sagrado.

Não podemos desconsiderar o conteúdo histórico presente nas hagiografias, e ao mesmo tempo, não podemos considerá-las um trabalho histórico. Sobre esse aspecto dúbio das hagiografias o professor Eduardo Gusmão de Quadrosⁱⁱⁱ, analisando sob a ótica das teorias de Michel de Certeau os processos de construção hagiográfica de um missionário alemão no sertão do Brasil, apresenta-nos o termo *mitoistória*:

Desde Heródoto que historiadores possuem tal encargo [separar a história do mitológico]. Queríamos saber, então, como a biografia virava uma hagiografia, ou seja, as modalidades pelas quais o sacerdote alemão [Padre Pelágio] tinha passado para se tornar um santo cultuado através dos sertões brasileiros. Chegamos, agora, a um híbrido, desses que a ciência evita quando pretendem estabelecer verdade: o processo de canonização é uma mitoistoria. (Quadros, 2010, p.303)

Essa terminologia de mitoistoria parece tentar dar conta deste *entre discurso* onde as hagiografias se situam, posicionando-as em um lugar onde não são totalmente um discurso histórico nem totalmente um discurso do maravilhoso.

Analisando esse trecho do artigo surge outra questão: quais os limites entre biografia e hagiografia? A diferença entre elas pode estar em alguns pontos, um deles é a presença mais acentuada do simbólico e do maravilhoso nas hagiografias. Buscando apresentar a vida de um santo, dentro de um modelo de vida canônico, as hagiografias acabam por se diferenciar entre si pelo maravilhoso e pela sequência escolhida para narrar as virtudes do personagem.

Outro ponto está nas motivações, mesmo não sendo um conhecedor dos textos biográficos, me arrisco a duvidar que exista uma motivação tão marcante nas biografias (como legitimar uma devoção), essas, ao contrário, podem possuir diversas motivações, ao ponto que, dependendo do grupo que escreve, pode existir biografias totalmente diferentes sobre o mesmo personagem.

Outra diferença marcante entre elas diz respeito a forma de construção do personagem biografado. Ambos os gêneros partem de um final para escrever o texto, entretanto a narrativa biográfica vai construir o personagem para o seu fim, enquanto a narrativa hagiográfica vai apresentar desde o início um personagem pronto para o seu fim, ou seja, destinado a ser santo. Dessa forma, uma das diferenças entre esses gêneros está na hagiografia apresentar a aceitação de uma vocação nata, diferente da biografia que se lê um trajeto do personagem até seu fim.

Pensando dessa forma Michel de Certeau apresenta as hagiografias como *discursos legenda*, ou seja, um texto escrito para apresentar um santo nato. Mesmo que existam provações durante a vida do santo, na obra hagiográfica, não existe contradição quanto à vocação de santidade. “Do santo adulto remonta-se à infância, na qual já se reconhece a efígie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que se recebeu” (Certeau, 2000, p. 297).

Para um estudo das hagiografias

Buscaremos nesse tópico apresentar alguns questionamentos que podem surgir no trabalho do historiador das religiões durante um estudo das hagiografias. Importante notarmos

que essas questões podem ser diferenciadas dentro de duas categorias, a primeira está relacionada ao processo de motivação e construção da hagiografia, ou seja, o lugar de escrita dessa literatura religiosa; a segunda está preocupada no conteúdo simbólico e textual da hagiografia. Todavia, essas duas categorias de análise não se excluem, pelo contrário, são complementares e, na maioria dos casos, são mutualmente necessárias.

Uma questão que gera confusão no processo de leitura e entendimento da hagiografia é sua proximidade com a narrativa histórica, sua constante afirmação do *foi assim que aconteceu*, denominado de *efeito do real*. Basta uma pequena leitura em uma hagiografia para notar esse efeito, mesmo esse gênero de discurso, como lembra Certeau, não preocupar-se com o real (o que aconteceu) e sim com o exemplar, ele mantém o *efeito do real* em seu texto.

Esse termo aparece no discurso da história, do romance realista, do diário íntimo, das crônicas, dos documentários e etc. Roland Barthes^{iv} foi um dos autores que se preocupou em estudar esse *efeito do real* apresentado por esses gêneros, para este trabalho fiquemos com este breve questionamento sobre esse efeito no gênero hagiográfico.

A análise das hagiografias deve partir da premissa de que ela não é um texto histórico, sendo assim, o historiador não pode requisitar uma postura crítica dos fatos que a hagiografia narra. Todavia, a historização do que a hagiografia apresenta como exemplar, as ordens dos fatos narrados e a forma como são apresentados são excelentes fontes para o pesquisador. A hagiografia deve ser entendida como um texto híbrido, onde por meio do *efeito do real* é apresentado uma literatura do maravilhoso com parcelas de história,

“(…) o texto corta o rigor do tempo com o imaginário, reintroduz o respectivo e o cíclico na linearidade do trabalho. Mostrando como, através de um santo (uma exceção), a história esta aberta ao ‘poder de Deus’, cria um lugar onde o mesmo e o lazer se encontram. Este lugar excepcionalmente abre, para cada leitor, a possibilidade de um sentido que é ao mesmo tempo o alhures e o imutável.” (Certeau, 2000, p.294).

Como a maioria dos textos literários a hagiografia esconde em sua escrita o lugar de produção, cabe ao pesquisador buscar as motivações e as relações de forças que agiram em sua produção, seja ela a edificação de uma crença popular, uma disputa entre ordens religiosas, uma exaltação nacional ou qualquer outra força que motivou a escrita dessa hagiografia.

Essa análise dos processos que levaram a produção da hagiografia é uma das formas de análise dessa fonte. O pesquisador pode também centrar sua análise no texto apresentado pela fonte. Cabe ressaltar novamente que para um entendimento da hagiografia como um todo dificilmente o historiador conseguiria passar somente por uma dessas formas de análise indicadas.

Certeau demonstra alguns exemplos de como essas duas perspectivas de análise podem dialogar, ou seja, como as motivações externas as fontes podem influenciar na sua escrita. O autor Apresenta dois modelos distintos de santo, o *mártir* e o *virtuoso*, o autor nota a relação entre a posição social do catolicismo e a incidência desses modelos. O modelo de hagiografia de mártires é mais comum em períodos de perseguição à religião, onde o modelo de vida exemplar é o de doação total pela fé, enquanto o modelo hagiográfico de um santo virtuoso é mais comum onde a religião é bem aceita, diferente do mártir o santo virtuoso não possui o centro de sua santidade na forma como morreu, suas virtudes e milagres são os mais importantes de se ressaltar no texto.

Uma característica comum a ambos os modelos hagiográficos, e perceptíveis em uma análise textual da fonte, é um fundo comum de uma tradição presente na forma e nos fatos apresentados da vida do santo. Como já citamos, a hagiografia busca legitimação aproximando-se de um modelo de vida exemplar defendido pela Igreja, o que, conseqüentemente, também legitima a força dessa instituição. Isso porque ao edificar um personagem como um santo também legitima uma tradição, que está presente em todo texto hagiográfico.

Essa defesa de uma tradição esta relacionada à defesa do Novo Testamento, os milagres e o modelo de vida exemplar dos santos seguem a tradição desse evangelho. Não é difícil encontrar semelhanças entre a vida do santo, narrada na hagiografia, com a vida do próprio Jesus. A hagiografia não busca legitima somente o santo, busca uma aprovação constante de uma tradição, de um modelo de vida defendido como molde para todos os devotos.

As hagiografias podem ser também ricas em seu simbolismo, na vida dos santos são apresentados diversos objetos e manifestações do sagrado. Cabe lembrar que o próprio milagre, presente na vida da maioria dos santos, é por excelência a manifestação do sagrado diante do mundo natural^v. Mas outras presenças simbólicas do sagrado podem ser notadas na vida escritas nas hagiografias, é o caso do simbolismo da água, cruz, sangue, animais, estátuas, lugares e por que não remédios?^{vi}

Essa força do simbólico apresenta-nos outro ponto de percepção das hagiografias. Como pode em um mesmo texto estar presente o maravilhoso dos símbolos e a legitimidade do aceito como canônico?

Sobre essa questão Certeau faz alguns apontamentos. A hagiografia surgiu como um texto popular, muito mais integrado ao calendário de festas dos santos. Somente com sua popularidade ela foi levada a ser pensada pelos eruditos da Igreja, “a hagiografia não entrou na

literatura eclesiástica senão por efração, ou seja, pela porta de serviços. Ela se insinua na ordem do clero não faz parte dela.” (Certeau, 2000, p. 295).

A forma como o corpo acadêmico da Igreja lida e aceita as hagiografias é bastante diverso, entretanto, em vias comuns, elas aceitam partes desses relatos de vida, selecionam o que é canônico do que não é. Por outro lado, toleram o maravilhoso, pois é ele que tem força e a aceitação dos devotos.

Como o próprio Certeau lembra: é muito difícil separar o que é erudito do que é considerado popular, não existem linhas claras que separem esses segmentos. Todavia, percebemos que a instituição eclesiástica, com seu corpo de eruditos que prezam pela *pureza do verdadeiro*, acaba por tolerar o discurso maravilhoso das hagiografias. Busca canonizar somente o que seus pares conseguem comprovar por seus métodos de investigação, o restante (talvez o mais significativo) são construções literárias permitidas, mas não canonizadas.

Para o historiador das religiões buscamos neste trabalho apresentar duas categorias de análise das hagiografias presente na obra de Michel de Certeau. A primeira faz uma análise externa a hagiografia, centrada nas forças que motivaram a escrita do documento, a segunda é focada no conteúdo do texto, transforma o modelo de vida apresentado como exemplar em passível de análise. Para um entendimento melhor das fontes essas categorias devem trabalhar juntas, e o mais importante é que o historiador não espere desses documentos literários comprometimento com as questões delegadas a disciplina histórica, a hagiografia não tem a mesma intenção nem o mesmo público alvo que o texto histórico.

Esse trabalho foi um esforço em tentar levar os leitores, em especial os historiadores das religiões, a conhecer melhor as obras de Michel de Certeau. Não conseguiríamos esgotar toda a abrangência de seu pensamento, porém, acreditamos ter apresentado nossa interpretação como as hagiografias podem ser entendidas como documento histórico. Hagiografias essas que, mesmo sendo objeto crescente das análises da história, necessitam de novos olhares que suscitem novos questionamentos, e sem dúvida a obra de Michel de Certeau pode ser uma importante base para essa tarefa.

Referências

BARTHES, Roland. *O efeito de real*. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. In: LE GOFF, Jacques. (Org.). *A História nova*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 25- 64.

QUADROS, Eduardo Gusmão. *A mitohistoria de Padre Pelágio: memória e tradição hagiográfica*. História Agora , v. 9, 2010. p. 284-305.

i CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ii A hagiografia surge da necessidade de transformação dos relatos orais, transmitidos entre os devotos, em um documento que, por meio da escrita, tenta normatizar e legitimar uma crença.

iii Alguns outros artigos do professor, que analisam a escrita religiosa e as obras de Certeau, foram de grande importância para a formulação do questionamento que suscitou a escrita deste trabalho. Entre eles: QUADROS, Eduardo. *A vivência religiosa como objeto da história das religiões*. Impulso, Piracicaba, v.15, nº37, maio/ago.. 2004. p.101-112. QUADROS, Eduardo. *No princípio, um lugar: a arqueologia religiosa de Michel de Certeau*. História Revista, vol.12, nº1, jan./jun., 2007, p.87-96.

iv A esse respeito, cf. BARTHES, Roland. *O efeito de real*. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.

v Vários autores se preocuparam em analisar o milagre como a manifestação do sagrado, entre eles Mircea Eliade, que define o milagre como *Hierofânia*: manifestação do sagrado diante do mundo natural- profano. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.15.

vi Uma das manifestações religiosas da qual estamos nos dedicando a estudar são as no entorno do santo brasileiro Frei Antônio de Sant'Anna Galvão. Um objeto sagrado e veículos de cura desse santo são suas *pílulas sagradas*, pequenos pedaços de papel dobrados em formato de pílulas e com uma oração no interior que são distribuídos para seus devotos ingerirem seguindo as instruções da novena do santo.